

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

| Preços da assignatura | Anno 36 n.ºs | Semest. 18. n.ºs | Trim. 9 n.ºs | N.º à entrega | 7.º ANNO—VOLUME VII—N.º 193 | REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO LISBOA: RUA DO LORETO, ENTRADA PELA RUA DAS CHAGAS, 43 Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empresa. |
|--|-----------------|---------------------|-----------------|---------------------|-----------------------------|--|
| Portugal (franco de porte, moeda forte) | 3\$800 | 1\$900 | \$950 | \$120 | | |
| Possessões ultramarinas (idem) | 4\$000 | 2\$ 000 | —\$— | —\$— | | |
| Estrangeiro (união geral dos correios) . | 5\$000 | 2\$500 | —\$— | —\$— | | |



O REI DE LAHORE, MUSICA DE MASSENET, SCENARIO DE L. MANINI (Desenho de M. de Macedo)

CHRONICA OCCIDENTAL

As camaras e a imprensa têm-se occupado muito ultimamente do projecto de reforma penal apresentado pelo illustre ministro da justiça o sr. Lopo Vaz.

A camara dos deputados depois de o ter votado na generalidade está-o discutindo artigo a artigo: falaram ácerca da reforma penal, os juriconsultos mais notaveis que ha na camara, vozes auctorizadas ergueram-se para o commentar, e nós perfeitamente leigos no assumpto não iremos agora pôr-nos aqui a discutir essa reforma penal, e a dar-mo-nos ares de trazer sobre a materia a ultima palavra decisiva.

Entretanto sem tentarmos discutir a reforma penal, pondo completamente de parte o projecto em discussão do qual fizemos apenas uma rapida e incompleta leitura, permittir-nos-hemos algumas considerações sobre a administração de justiça actual, considerações que saltam aos olhos de toda a gente embora se não envergue a toga de juiz ou se não tenha na algibeira a carta de bacharel em direito.

Um dos grandes defeitos da nossa justiça é a extensa demora no julgamento dos crimes. D'onde provem essa demora? Não sabemos, nem nos importa saber: isso importa aos poderes publicos, a quem cumpre reformar toda a pratica juridica que obsta a que os processos se instaurem com a rapidez necessaria e que faz com que o suspeito d'um crime possa jazer longos mezes na cadeia antes que se lhe prove a sua criminalidade.

Os exemplos estão para ahí afflux de que a justiça pode reter durante largos annos encarcerado um supposto reu, e não ha nada mais iniquo, e mais perigoso de que esse poder que a justiça portugueza se tem arrogado.

Depois, a forma dos julgamentos é defeituosissima; não sabemos se a lei permite essa forma ou se ella vem do desleixo indigena pelas leis estatuidas, seja como for é defeituosa, é disparatadissima, é um perigo permanente para a boa, serena e imparcial administração da justiça.

D'antes os julgamentos nunca se interrompiam e os jurados designados pela sorte para dar o seu *verdictum*, estavam completamente incommunicaveis até ao fim do julgamento.

Era duro, era pesado, era fatigante, mas era necessario e indispensavel.

Hoje nada d'isso se faz, a incommunicabilidade do jury é letra morta.

Os tribunaes administram a justiça burocraticamente. É como que o expediente d'uma secretaria. O julgamento começa ás dez horas e suspende-se ás quatro horas ou quatro e meia.

O juiz vae para sua casa jantar socegradamente e só volta ao tribunal no dia immediato, o reu volta para a cadeia, os jurados *incommunicaveis* vão para as suas familias, passam as noites nos theatros, nas soirées, nos gremios, a cavaquear com toda a gente sem mais pensarem no processo em que são juizes, entregues ás diversissimas preoccupações da sua vida.

No dia immediato ás dez horas volta tudo para o tribunal. Pondo de parte qualquer suspeição d'esses jurados poderem vender o seu voto, caso que algumas vezes se tem dado notoriamente, pondo mesmo de parte o interesse que qualquer pessoa tenha em influir no animo d'esses jurados, ha duas coisas que se dão fatalmente com esta forma de julgamentos á maneira de folhetim romance, com a *suite à demain*.

Primeiro, o jurado vem cá para fóra, lança-se novamente nas preoccupações da sua vida, e esquece fatalmente muitos dos pormenores do processo, pormenores que no dia immediato se não reproduzem, e que no fim de contas são indispensaveis, porque como se sabe, uma minucia pequenissima pode ter influencia enorme na apreciação definitiva d'um crime.

Segundo, o jurado que passou seis ou sete horas a occupar-se d'um crime, fala naturalmente cá fóra, com os seus amigos a respeito d'esse crime, a esses amigos, mesmo sem a mais pequena *arrière-pensée* de influir no espirito do jurado, apreciam o crime debaixo do seu ponto de vista individual e essas apreciações exercem inconscientemente, involuntariamente impressão no espirito do jurado e guiam-n'o fatalmente no dia immediato no seu *verdictum*.

Estes dois factos são incontestaveis e fataes e seriam bastantes para condemnar a forma actual de fazer os julgamentos, ainda quando não houvesse as mil outras rasões de corrupção, de violencia, de suborno, a que essas interrupções de julgamento se prestam.

E verdade que contra a forma antiga do julgamento protestam os interesses e as commodidades dos jurados, mas haveria decerto maneira de

conciliar as coisas, de attender a esses protestos, reformando a constituição do jury, que sendo um direito devia ter inherente, como todos os direitos, a faculdade de se exercer ou não.

E mais tarde, quando tivermos tempo o espaço proseguiremos n'estas considerações perfeitamente alheias á politica, sem pretensões algumas a doutorice, unicamente suggeridas pelos factos que tem passado por deante dos nossos olhos.

Surprehendeu-nos ha dias uma triste noticia — a da morte d'um artista que teve seus momentos de gloria, e a quem nós devemos muitas noites de boas e francas gargalhadas.

Esse artista chamava-se Carlos de Almeida, e em torno do seu nome fez-se um silencio que é uma profunda injustiça.

Carlos d'Almeida foi alguém no theatro, deixou assignaladas pelo seu talento comico algumas creações scenicas, teve a sympathia e os applausos de muitos publicos diversos, e só o que lhe faltou em toda a sua longa carreira artistica foi essa coisa que sorri a muitos insignificantes e que ás vezes foge dos homens de merito real — a sorte.

Carlos d'Almeida não teve sorte, e ao passo que muitos insignificantes subiam soprados pelo acaso, elle, coitado, foi descendo, foi descendo até morrer actor d'um dos ultimos theatros de Lisboa, d'um theatro barraca.

E depois de ter representado com successo ao lado do illustre actor Santos, depois de ter alcançado triumphos no theatro do Gymnasio n'uma companhia em que figuravam o grande Tabora, o pobre e chorado Isidoro, João Rosa, Augusto Rosa, Polla, e Pinto de Campos, depois de toda essa carreira gloriosa Carlos d'Almeida foi parar ao theatro Chalet, e morreu obscuro, sem que os jornaes se occupassem em dar boletins do andamento da sua doença, sem que os prelos gemessem com o seu necrologio, esses prelos que estão para ahí a grunhir todos os dias elogios banaes a todos os insignificantes que a unica coisa digna de menção que fazem no mundo é morrer e enterrou-se acompanhado apenas por sete ou oito collegas n'esta terra em que não ha pateta que morra, que não dê farta colheita de dez tostões aos trens de praça.

Pois se todos que applaudiram Carlos d'Almeida no theatro, se todos que riram com a sua veia comica original fossem acompanhar o seu cadaver ao cemiterio, poucos enterros teriam sido maiores.

Carlos d'Almeida distinguia-se sobre tudo nos criados idiotas, nos escudeiros de magica, e nos galans comicos.

Tinha um typo comico que se prestava excellentemente a esses papeis, era baixo, magro, com um grande nariz de cavalete, e a sua voz um pouco rouca, ultimamente já quasi inintelligivel pela doença que ha longo tempo o torturava e que o matou agora finalmente — a tysica de larynge — auxiliava-o immenso na criação de typos burlescos.

Uma das criações mais notaveis da sua vida theatral foi o principe Cornelio Gil da *Grã Duquesa de Gerolstein*. Ao lado de Emilia Letroublon, extraordinaria no papel de Grã Duquesa, do infeliz Faria, tão celebre no general Boum, Carlos de Almeida foi notado pela graça com que desempenhou o papel d'aquelle idiota e afeminado principe. No theatro do Gymnasio fez alguns papeis com muito talento comico, entre elles o d'um diplomata n'uma comedia em 3 actos, *Debaixo da Mascara*, a primeira peça original da pessoa que escreve estas linhas, e um papel de criado n'uma comedia em 1 acto imitada pelo bom e chorado Eduardo Martins, *Entre casados...*, que lhe deveu quasi todo o successo, e em que Carlos d'Almeida conservava durante tres quartos de hora o publico a rir constantemente.

Nos theatros populares foi enorme a serie de triumphos de Carlos d'Almeida. Os escudeiros de magica eram para elle uma fonte perenne de successo e para o publico uma fonte perenne de gargalhadas.

As vezes os auctores das peças apanhavam com elle sustos enormes, porque Carlos d'Almeida respeitava pouco o texto das peças — defeito colossal em que peccam muitos dos nossos actores — e permittia-se o encher os papeis com coisas da sua casa. E pouco escrupuloso na escolha d'essas coisas, Carlos d'Almeida tinha ás vezes liberdades espantosas, ditos picantissimos que faziam irriçar os cabellos dos auctores das peças, que viam logo uma pateada eminente. Mas Carlos d'Almeida tinha o publico dos theatros populares na sua mão, e depois punha tanto *bom humor*, tanta jovialidade comica na maneira de dizer esses atrevimentos, que o publico, em vez de se zangar, ria-se e applaudia freneticamente o actor.

Tomando assim o pulso ao seu publico, Carlos d'Almeida ia saltando cada vez mais as azas á sua fantasia *grivoise*, e, de ousadia em ousadia, chegára ultimamente a um abuso de *charge* de pouco bom gosto, mas que era sempre victoriada pela platea, a principal culpada dos desregramentos d'aquelle actor, que tinha bastante graça propria para poder prescindir d'essas jogralidades indignas, e que n'outro meio artistico, e educado por outro publico de mais fino gosto, seria sempre um dos nossos melhores comicos, como começou a selo no Principe Real e no Gymnasio.

Demais a mais, Carlos d'Almeida era tambem um pouco author: não tinha uma educação levantada, mas tinha vocação e rabiscava as suas scenas comicas e as suas comedias, que não deixavam de ter alguma graça.

Bem aproveitadas todas as suas aptidões, teria talvez sido uma notabilidade theatral do nosso paiz, esse pobre actor que teve as suas noites de gloria, e que morreu esquecido e obscuro.

Infeliz Carlos d'Almeida! Nós, que não podemos por doença ir acompanhá-lo á sua ultima morada, não queremos deixar passar a sua morte no silencio, silencio que, além de tudo, é uma dura injustiça.

Gervasio Lobato.

AS NOSSAS GRAVURAS

O REI DE LAHORE

O OCCIDENTE consagra hoje a sua primeira pagina á reprodução das scenas mais pittorescas do *Rei de Lahore* a opera de scenario novo, que na epocha de 1883-1884 deu a empresa de S. Carlos.

Na chronica o OCCIDENTE referiu-se largamente á opera de Massenet, e por isso abreviaremos o nosso artigo de hoje.

O *Rei de Lahore* representado pela 1.ª vez em Lisboa no 1.º de abril d'este anno, é uma opera em cinco actos feita por Massenet, sobre um poema phantastico de Louis Gallet.

Massenet, *grand prix* de Roma em 1865, tinha já composto antes do *Rei de Lahore* as seguintes obras: *Scenes hongroises, suite d'orchestre, Introduction et variations* para orchestra *les Erinnyes, Scènes pittoresques, Scènes dramatiques, d'après Shakespeare, Phédre* abertura, *D. Cesar de Bazan* opera em 3 actos. *Maria Magdalena, Eva*, (harmonia sacra) *Chants inimes, l'improvisateur le roman de Arquin, le Poeme de avril, Le poeme du souvenir*, e varias *melodies*; mas o *Rei de Lahore* foi a sua consagração como maestro e collocou-o entre os mais notaveis dos modernos compositores francezes.

O *Rei de Lahore* cantou-se pela primeira vez na opera de Paris em 27 de abril de 1877 com a seguinte distribuição:

Alim, Salomon; *Scindia*, Lassale; *Timour*, Boudouresque; *Indra*, Menu; *Sita*, Josephina de Reszké, *Kaled*, mademoiselle Fouquet.

Em Lisboa a opera foi cantada pelos srs. Ortisi, Devooyod, Rapp, Souvestre, e pelas sr.ªs Borghi-Mamo e Mantelli. O *Rei de Lahore* agradou muito em Paris, mas não mais do que em Lisboa, onde teve um verdadeiro successo.

O *Rei de Lahore* deu entre nós apenas dez recitas, cremos, porque a epocha estava a findar, mas essas dez recitas foram dez enchentes enormes, e de applausos sem conto.

É preciso notar, que contribuíram para este exito além da belleza da partitura de Massenet o esplendido desempenho que teve em S. Carlos especialmente por parte da sr.ª Borghi Mamo e do sr. Devooyod, o esplendor do scenario pintado pelo illustre scenographo italiano o sr. Manini, o luxo dos costumes, alguns d'elles maravilhosos, como o de Devooyod e o da 1.ª bailarina, e em suma a magnificencia deslumbrante da *mise-en-scène*, o cuidado e esmero com que os côros e a orchestra estavam ensaiados, aquelles pelo sr. Bonafous e esta pela sr.ª Dalmau. A primeira noite foi um triumpho colossal; artistas, maestro ensaiador, scenographo e empregario eram constantemente chamados ao proscenio e victoriados extraordinariamente.

As vistas que a nossa gravura reproduz são o acampamento de Alim, 2.º acto, e a praça de Lahore, onde no 4.º acto Sita encontra Alim resuscitado por Indra sobre a fórma de um homem do povo, duas vistas esplendidas que foram applaudidissimas.

DOUTOR FRANCISCO DE CASTRO FREIRE

Entre os dignos professores da Universidade de Coimbra, tinha logar distincto, pelos seus conhe-

cimentos scientificos e litterarios, vasta erudição, aptidão em varios ramos das sciencias e letras o doutor Francisco de Castro Freire, fallecido recentemente em Niza, no dia 13 de março do corrente anno.

Nascera o doutor Castro Freire na freguezia de S. Silvestre do concelho e bispado de Coimbra a 23 de setembro de 1809, sendo filho do major de Milicias Francisco Antonio de Castro, e de sua mulher D. Marianna Ermelinda Freire de Macedo. Educado para a carreira das letras, depois de convenientemente preparado entrou na Universidade de Coimbra, onde, feito um curso distincto, se formou e doutorou na faculdade de mathematica, na qual entrou pouco depois como substituto sendo passado tempo elevado a lente cathedratice do referido curso. Em 1861 decano e lente de prima da mesma faculdade.

Como lente foi respeitavel e publicou varias obras como a traducção do *Curso de Mathematica e Geometria* de Franccœur em collaboração com o doutor Rodrigo Ribeiro de Sousa Pinto, e escreveu uns *Elementos de mechanica racional dos solidos*.

Exerceu os cargos de vogal do conselho superior de instrucção publica, de vice-reitor da Universidade, de provedor da Santa Casa da Misericórdia de Coimbra, de presidente do Instituto, da mesma cidade, por diferentes vezes e era socio de varios institutos e academias scientificas e litterarias.

Dado á cultura das letras desde a mocidade, nem as rectas de Euclides nem as curvas de Archimedes, segundo a expressão de Garrett, lhe impediam de cultivar as musas, com quem muito conversou e tratou familiarmente.

No *Trovador e Instituto* de Coimbra foram publicadas varias poesias suas, já originaes, já traduzidas. Parece que depois o illustre escriptor reuniu tudo em volume, que publicou em 1861 sob o titulo de *Recordações poeticas*, onde se encontra a celebre ode de Lamartine a Francisco Manuel (Filinto Elysio) *A Gloria, O Aleyão do Cabo* de Paulina Flaugergues e outras dignas de serem lidas.

Os poderes publicos haviam-no agraciado com a commenda de Christo e carta de conselho.

Para conhecimento mais pormenor dos escriptos do illustre professor, veja-se o *Diccionario bibliographico portuguez*, tomos 2.º e 9.º

MOEDAS DO REINADO DE D. JOSÉ I

Damos hoje tres exemplares das moedas de cobre do reinado de D. José, que offerecem bastante regularidade e harmonia no cunho.

São tres exemplares do valor de dez, cinco e tres réis do anno de 1751. O cunho é semelhante, apenas com a differença de terem a primeira a letra X, a segunda a letra V, e a terceira as letras III entre duas rosetas, no anverso da moeda, e por baixo a data 1751 em caracteres arabicos. A inscripção é igual em todas as tres, lendo-se no anverso: IOSEPHUS. I. DEL. GRATIA. e no reverso: PORTUGALIA. ET. ALGARBIORUM. REX.

Não se conhece o decreto, aviso ou ordem que mandou inscrever o nome do soberano nos cunhos da moeda do seu reinado; apenas a 16 de março de 1752, referindo-se á resolução do rei de de 19 de igual mez do anno anterior, se manda proceder a essa alteraçãõ na moeda de prata de varios valores, mandando observar o disposto na resolução de 2 de agosto de 1747.

HENRIQUE POUZÃO

Uma individualidade que seria mais uma gloria para a arte do nosso paiz, se a morte não a precipitasse tão cedo nas profundezas tenebrosas do tumulo.

Era um artista, e artista por vocaçãõ e por amor.

Os apontamentos biographicos que publicamos em seguida, são na sua singeleza, a pagina gloriosa da sua vida, curta, é verdade, em annos, mas dilatada em affirmações de uma capacidade que ficou assignalada com vestigios brilhantissimos do mais pronunciado merito.

Henrique Cezar de Araujo Pouzão, filho do bacharel Francisco Augusto Nunes Pouzão, actual juiz de direito em Odemira, nasceu no dia 1 de janeiro de 1859, sendo baptisado na igreja parochial de S. Bartholomeu de Villa Viçosa.

Vindo para o Porto, quando seu pae era delegado em Barcellos, matriculou-se na Academia Portuense de Bellas Artes em 7 de outubro de 1872

e em agosto do anno seguinte fez os seus primeiros exames.

A sua vida escolar foi uma serie ininterrompida de triumphos, precusores dos horisontes largos que se abriam a um espirito em que estavam reflectidos apaixonadamente todas as seduções do bello, todos os encantos do grandioso.

Assim obteve elle:

Em 1873, louvor e segundo premio pecuniario de 207000 réis, nos exames do 1.º e 2.º anno de desenho historico; distincção no 1.º anno de architectura civil e louvor no 2.º

Em 1874, louvor e segundo premio pecuniario, no 3.º e 4.º anno de desenho; elogio no 1.º anno de esculptura; louvor no 3.º de architectura; e approvaçãõ em anatomia artistica.

Em 1875, louvor e segundo premio pecuniario no 5.º anno de desenho; elogio no 1.º anno de pintura historica; elogio no 2.º anno de esculptura; e louvor no 4.º anno de architectura e em perspectiva.

Em 1876, elogio no 2.º anno de pintura e no 3.º de esculptura e louvor no 5.º anno de architectura, sendo o seu trabalho de exame julgado digno de ficar pertencendo á Academia.

Em 1877, elogio no 3.º anno de pintura e approvaçãõ no 4.º de esculptura

Em 1878, elogio no 4.º anno de pintura e no 5.º de esculptura.

Em 1879, finalmente, louvor pelo seu quadro de composiçãõ do 5.º anno de pintura, decidindo-se que esse quadro ficasse pertencendo á Academia para satisfaçãõ do auctor e para estimulo dos outros alumnos.

Pouzão concluiu pois do modo mais satisfatorio o seu curso academico, mas não terminára com isso o seu ideal artistico.

A França e a Italia appareciam-lhe em sonhos com as opulencias dos seus monumentos e com as obras primas dos grandes mestres, e o seu entusiasmo vibrava-lhe a fibra mais terna da alma.

Proporcionou-se-lhe ao moço artista o ensejo de ver satisfeitas as suas aspirações de cada hora.

Aberto concurso para o lugar de pensionario do Estado no estrangeiro, da classe de pintura de paisagem, Henrique Pouzão apresentou-se e as provas que exhibiu valeram-lhe, em conferencia geral de 6 de agosto de 1880, o ser preferido na votaçãõ sobre o merito relativo dos candidatos a essa classe.

Em portaria de 1 de setembro seguinte era-lhe confirmada a nomeaçãõ e em meados de novembro partia elle para Paris com o coração trasbordando de alegria e com o espirito calorosamente preocupado pelo imprevisito das maravilhas em que ia exercitar de ora em diante o seu genio.

Depois de se demorar quatro dias em Madrid para se embevecer na contemplaçãõ das preciosidades pictoricas accumuladas no vasto museu do Prado, chegou á grande capital no dia 22, apresentando-se em seguida ao então director da Escola Nacional de Bellas Artes de Paris, mr. Paul Dubois.

Henrique Pouzão começou então com verdadeira febre os seus estudos. Os museus, as praças, os edificios, os costumes, tudo emfim era para elle motivo de observaçãõ e de analyse artistica.

Trabalhava e trabalhava com um afan extraordinario. Esse facto e as asperezas do primeiro inverno que passou n'aquella cidade, originaram-lhe os germens da doença fatal que o devia anniquilar para sempre.

Sinto o coração confranger-se-me ainda, quando me recordo que ao abraço o em Paris na primavera de 1881, senti o doloroso presentimento da ruina que a doença cavava n'aquella organisaçãõ já abalada pelos primeiros estragos de uma bronchite aguda.

Todos nós o aconselhavamos a retirar-se para o seu paiz, mas elle offuscado pelas scintillações seductoras do futuro, illudido da gravidade do seu estado, só pensava na benignidade do clima da Italia, porque a Italia lhe deparava uma nova fonte onde saciasse a febre ardente de saber!

Tendo começado os seus estudos em 20 de dezembro de 1880, em outubro de 1881, enviava já á Academia Portuense de Bellas Artes a sua primeira remessa, que constava de quatro academias desenhadas pelo modelo villo, tres no *atelier* de mr. Cabanel e uma no de mr. Yvon, duas paisagens a oleo, impressões e esboços dos arredores de Paris e um costume, representando uma velha a dobar.

Nos dois unicos concursos de *atelier* em que entrára, fôra classificado: no 1.º, primeiro desenhador; e no 2.º, terceiro desenhador.

Frequentando os cursos de perspectiva, historia e anatomia para se preparar para o concurso de admissãõ á Escola, obteve n'esse concurso 18 va-

lores em ornamentaçãõ, 14 em perspectiva e 9 em anatomia e historia, e admittido á prova final (figura desenhada do natural), ficou n.º 35 entre 70 escolhidos.

Depois entrou no concurso de medalhas, obtendo uma terceira, no concurso de ornamento.

No segundo anno alcançou mais duas terceiras medalhas em concurso, sendo uma no de estudo pelo modelo vivo, em 31 de outubro de 1881, e outra no do antigo em 28 de novembro do mesmo anno.

Por conselho dos medicos, Henrique Pouzão fôra tomar umas aguas ao Puy de Dôme, mas como os seus soffrimentos se agravassem retirou-se, mediante licença obtida do governo, para a Italia, onde esperava encontrar lenitivo á doença que o ia definhando pouco a pouco.

Chegado a Roma em 27 de dezembro de 1882, depois de se demorar quatro dias em Turim e um em Pizza, entrou como socio no Circulo dos Artistas, onde á noite desenhava pelo modelo vivo, e estudava trajos á aguarella.

Foi em Roma que pintou o quadro intitulado *Cecilia*, com o qual fez a sua estreia no *salon* annual de Paris.

Ainda por causa dos seus padecimentos teve de ir para Capri, visitando depois Pompeia e fazendo a ascençãõ do Vesuvio onde pintou algumas impressões, como recordações de viagem, seguiu para Napoles, de onde regressou a Roma em 18 de janeiro de 1883.

Ahi teve occasiãõ de se relacionar com o notavel pintor hespanhol Pradilla, de quem recebeu bons conselhos e elogios que eram um novo incitamento aos seus estudos.

Os quadros que constituiram a sua segunda remessa para a Academia Portuense foram: *Antes do sol*, paisagem de Capri; outra paisagem da mesma ilha; *Cançada*, um costume tambem de Capri; *Esperando o successo*, um delicioso rapazinho, mostrando umas garatujas que rabiscou em um papel durante o tempo de descanso no *atelier* do artista, em que servia de modelo; e duas copias de paisagens, uma intitulada *Artes da tempestade*, de Emile Vernier, existente no museu do Luxemburgo, e outra *Il Delilo*, de Francisco Mancini, existente no real palacio de Capo di Monte.

A Academia, avaliando a importancia d'estes trabalhos, resolvera em conferencia de 5 de maio de 1883, consignar na acta um voto de louvor ao artista e communicar-lhe esta deliberaçãõ.

Pouzão tornou ainda a voltar para Capri, mas de tal modo recrudesceram os symptomas da doença que o victimava, que se viu obrigado a retirar-se para Portugal na esperança de encontrar aqui lenitivo a um mal já sem remedio.

Apesar do estado melindroso em que se encontrava, o seu sentimento de artista fel-o prolongar a viagem por localidades ainda para elle desconhecidas. Assim, de Capri, fez o trajecto por Sorrento, Castellamar, Napoles, Roma, Genova, Marselha, Barcelona, Valencia, Sevilha, Huelva, Ayamonte, Villa Real de Santo Antonio e Olhão, chegando a Odemira extenuado do corpo, mas forte no espirito, que ainda lhe permittiu, durante os dias derradeiros da existencia, não se separar dos pinceis queridos que manejou sem cessar até que a mão lhe pendeu exangue sobre o peito em que pulsára um bello coração sempre aberto aos sentimentos mais puros, ás expansões mais dignas.

O joven artista teve a suprema consolaçãõ de sentir, ao cerrarem-se-lhe as palpebras á luz da vida, o orvalho acariciador das lagrimas de familia, em cujos braços affectuosos adormeceu o somno da eternidade. Morreu em 27 de março ultimo, e o seu passamento foi um golpe profundo para a estima que lhe consagravam mestres, amigos e admiradores.

Paz áquella alma encanta-lora!

Como preito á sua memoria venerada, a Academia Portuense de Bellas Artes resolveu consignar um voto de sentimento pela morte do seu alumno, e realizar por occasiãõ da exposiçãõ trienal, uma exhibiçãõ especial dos seus trabalhos.

O Centro Artistico Portuense de que o finado fôra tambem fundador e um dos seus socios mais dedicados e entusiastas, prestou-lhe igualmente o preito da sua saude em uma assembléa geral.

Henrique Pouzão, repetil-o-hemos mais uma vez, era um artista de grande futuro. Os trabalhos que deixou e muitos dos quaes pertencem á Academia Portuense, dão testemunho de uma aptidão não vulgar e de um talento que só se manifesta bem quando tem a desenvolve-lo a vocaçãõ decidida e a paixãõ indomavel que cria os grandes apóstolos da religiãõ da arte.

Porto, abril — 1884.

MANUEL M. RODRIGUES.

Melhoramentos de Lisboa

PLANO INCLINADO FUNICULAR,
SYSTEMA RIGGENBACH-MES-
NIER, NA CALÇADA DO LAVRA.

Em março de 1882 inaugura-
va-se em Braga, no Bom Jesus
do Monte, o primeiro plano au-
tomator estabelecido em Portu-
gal; e abria-se mais uma pa-
gina no livro do progresso, ins-
crevendo em letras de aço,
ferro e bronze, a historia de
um melhoramento, chamado a
generalisar-se no paiz, debaixo
da fecunda iniciativa do espiri-
to de civilisação e do capital
intelligente.

Compenetrado do grande fu-
turo que ao novo processo de
locomoção estava destinado, o
engenheiro Raul Mesnier re-
solveu com o grande industrial
do norte, Manuel Joaquim Go-
mes, apostolisar o systema que
acabavam tão brilhantemente
de inaugurar em Braga, e in-
troduzil-o em toda a parte on-
de pudesse prestar os relevan-
tes serviços que estava pres-
tando no Bom Jesus do Monte.
O sr. Mesnier partiu para Lis-
boa, e teve a fortuna de encon-
trar no vereador do pelouro
dos melhoramentos, Antonio
Ignacio da Fonseca, um fervo-
roso protector para o novo
systema, e um decidido apoio
para o seu estabelecimento na
capital.

Apresentado por este cava-
lheiro ao sr. Antonio Pereira
dos Santos Beirão acreditado
banqueiro e industrial, formou-



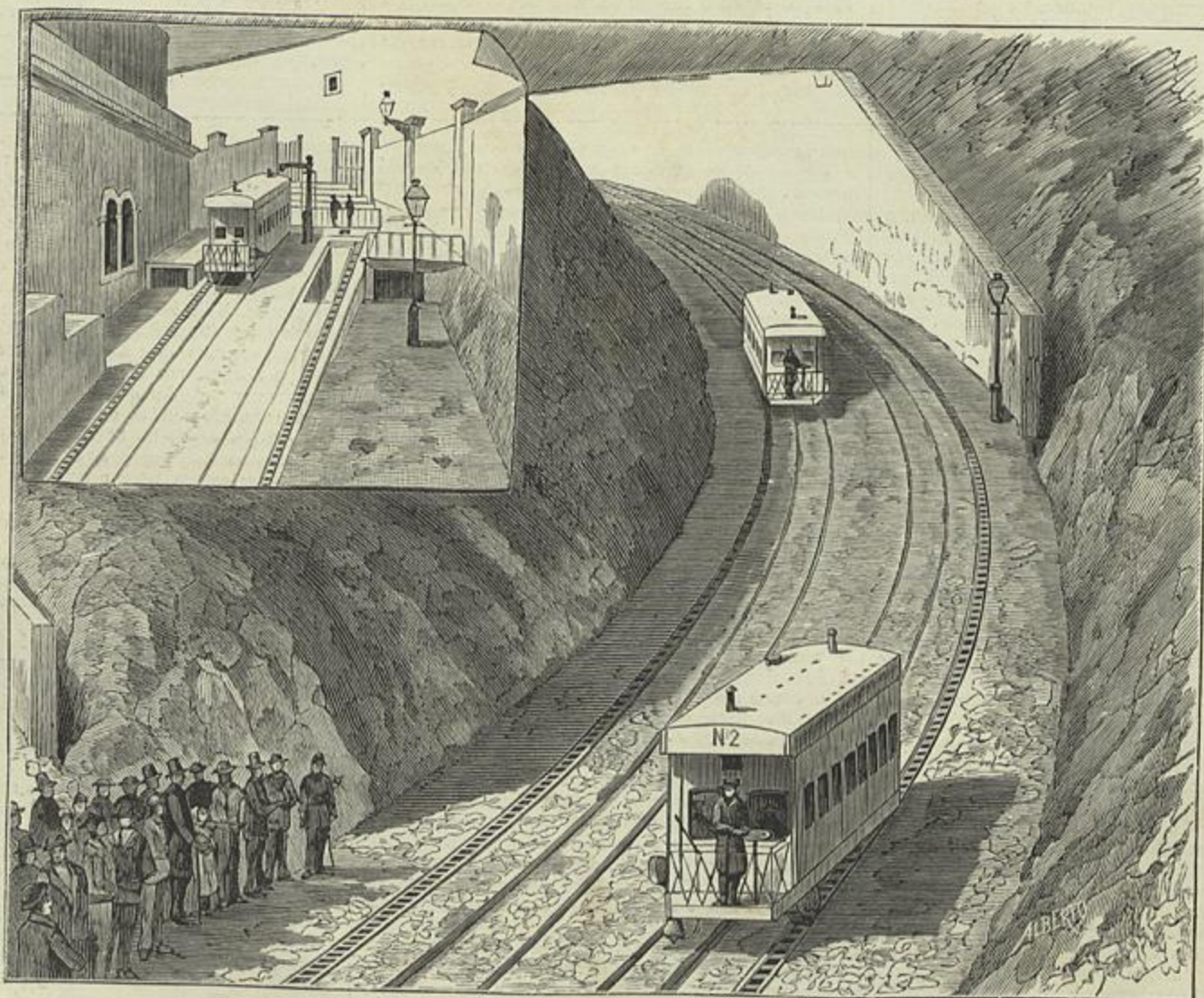
DR. CASTRO FREIRE (Segundo uma photographia de Rocha)

se a Companhia dos Ascensores
Mechanicos de Lisboa, que vem
agora inaugurar o seu primeiro
plano automator, de que da-
mos hoje noticia com dois an-
nos de intervallo, exactamente
no mesmo dia, do mesmo mez,
em que abrimos as paginas do
nosso jornal para a noticia do
plano inclinado do Bom Jesus
do Monte que o antecedeu a 1
de maio de 1882.

Descripção do systema. O
plano funicular da calçada do
Lavra, é um dos trabalhos mais
notaveis que se teem execu-
tado entre o limitado numero
dos que hoje existem; e quem
observa apenas o resultado tão
simples, da alternativa subida
e descida dos carros, transpor-
tando os passageiros, mal ima-
ginará a grande serie de diffi-
culdades technicas que foi pre-
ciso remover para o bom exito
practico do systema.

Partindo do extremo inferior
da calçada do Lavra o plano
inclinado divide-se em duas
rampas tendo a primeira 22 e a
segunda 24 p. c. O angulo for-
mado pelo encontro d'estas
duas rampas é concordado por
uma curva que permite a pas-
sagem suave de uma rampa
para a outra. A altura vertical
vencida é de 42 metros. O com-
primento total da linha é de
186 metros, sendo 93 metros
para cada rampa.

O trajecto do plano inclinado
divide-se em rectas e curvas; e
contando sempre a partir do ex-
tremo inferior do plano, consta,
para cada linha, de: recta
em 9 metros de extensão, cur-



PLANO INCLINADO FUNICULAR, SYSTEMA RIGGENBACH-MESNIER, NA CALÇADA DO LAVRA

va em 22, recta em 42, curva em 89, e recto em 24.

As curvas são arcos de helice; e o raio do cylindro recto correspondente, é de 100 metros.

Parte do trajecto effectua-se na calçada publica muito estreita do Lavra, até meio da sua extensão, e a outra parte em terreno proprio da companhia, adquirido para este fim.

No extremo superior da calçada, está assente uma grande roldana ou tambor de 2,40 de diametro, em cujo gola passa um cabo de 25 millimetros de diametro, formado de feixes de fio de aço fundido, de grande resistencia, a cujos extremos estão presos os carros que funcionam para o transporte dos passageiros.

Cada um d'estes carros move-se, subindo ou descendo, sobre a sua respectiva linha e por effeito do cabo, o movimento de um carro obriga o do seu conjugado, sendo a velocidade para ambos, a cada instante a mesma.

A estrutura de cada linha sobre a qual trabalha um trem, compõe-se de um estrado de excellente madeira de carvalho assente immediatamente no solo, e formado por uma serie de travessas, espaçadas de metro a metro, sobre as quaes se aparafusam dois cursos de longuerinas, distantes para cada lado do eixo da linha, de 0^m,50.

As travessas estão encaixadas entre as paredes de um canal de alvenaria hydraulica, que occupa a parte central de cada linha, em toda a sua extensão, e fornece solido apoio ao estrado, e a toda a estrutura metallica que este supporta.

Esta estrutura metallica compõe-se de



HENRIQUE POUSÃO — FALLECIDO A 27 DE MARÇO DE 1884
(Segundo uma photographia de Sousa Pereira)

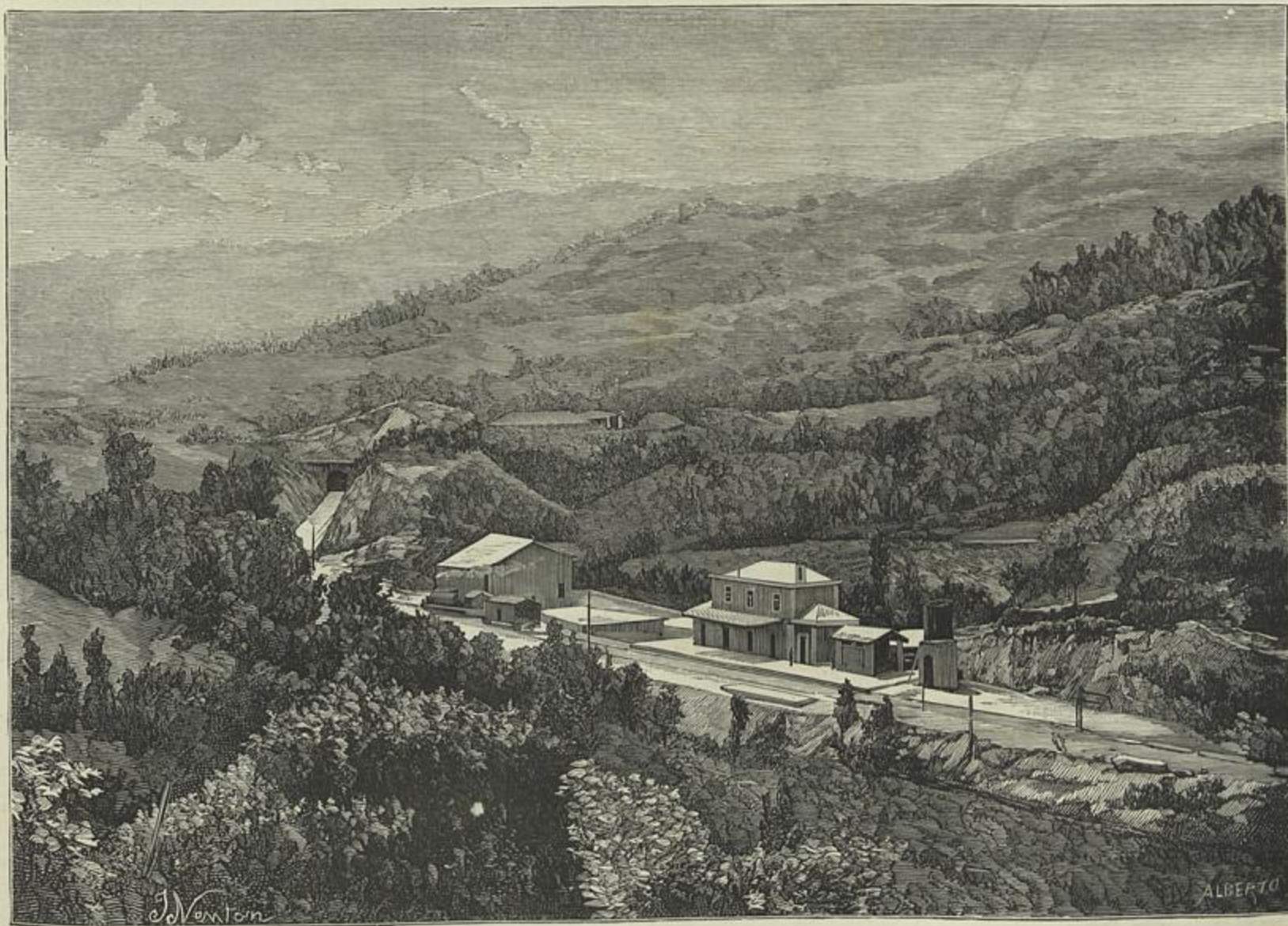
dois carris vignole espaçados de 1 metro e fixados solidamente ás longuerinas. Da parte externa da linha, e encostada ao respectivo carril, está posta uma cremalheira, na qual entram os dentes de duas rodas dentadas invariavelmente fixadas aos eixos dos carros. A cremalheira é o elemento importante de segurança do systema do plano inclinado, e moderador da velocidade dos trens, quando os conductores dos carros manobrem os travões que determinam a velocidade regulamentar. Ao centro das linhas, e aparafusados sobre as travessas, collocaram-se duas linhas de ferro em forma de Z, formando um canal rasgado na parte superior, por uma fenda longitudinal em toda a extensão da linha.

Dentro d'este canal de ferro, e do canal de alvenaria hydraulica, que lhe fica subjacente, está alojado todo o systema de roldanas, que dirigem e supportam o cabo, nas curvas e nos alinhamentos rectos.

Cada carro é formado de 3 partes distinctas: na parte superior uma caixa de folha de ferro com capacidade para 3 metros cubicos, póde alojar essa quantidade de agua; a parte inferior serve para alojamento de todo o mechanismo de freios de mão e automotores, que formam a garantia absoluta de segurança para o passageiro. A parte intermedia é destinada a receber o mesmo. Esta parte está dividida em 3 compartimentos transversaes, cada um dos quaes está occupado por duas bancadas, podendo a totalidade dos logares comportar 24 passageiros.

As duas linhas sobre as quaes trabalham os carros, estão, no cimo do plano, espaçadas de centro a centro de 2^m,40; este

CAMINHOS DE FERRO PORTUGUEZES



ESTAÇÃO DO JUNCAL E TUNNEL DOS ENCALHADOS, NO CAMINHO DE FERRO DO DOURO

espaçamento vai diminuindo até que, a partir do meio para o extremo inferior, o afastamento entre o centro das linhas fica reduzido ao mínimo de 1^m,18.

Esta disposição é motivada pela extrema estreiteza da calçada do Lavra, e pela necessidade de, no cimo do plano, haver espaçamento para o diâmetro racional da roldana onde passa o cabo, relativamente ao diâmetro d'este.

Cada carro possui uma forte peça de engate a que vai preso o cabo. O corpo d'esta peça de engate passa ao travez da fenda que rasga todo o canal de ferro central, e assim estabelece a comunicação entre o cabo, todo o systema que o dirige, e o trem que se move na linha.

D'esta forma todo o mechanismo fica alojado subterraneamente e não oppõe obstaculo algum á circulação ordinaria, que, seja dito entre parenthesis, é nulla em calçadas de semelhante inclinação.

O movimento dos carros é produzido introduzindo no reservatorio do carro situado no cimo do plano, sufficiente quantidade de agua para romper o equilibrio em que elles se acham, depois da entrada dos passageiros. Chegado ao extremo inferior, o carro descendente despeja o volume de agua que trazia, e o systema fica novamente nas primitivas condições para funcionar.

Cada carro descendente exige pelo menos 1,5 metros cubicos para vencer as resistencias passivas que o systema oppõe, e além d'este volume o correspondente á differença de pesos dos passageiros ascendentes e descendentes.

O custo da agua, fornecida pela compadha das aguas de Lisboa, é de 70 réis cada metro cubico, em vista do grande consumo que a companhia dos ascensores faz da mesma.

A agua despejada não é actualmente utilizada para outro qualquer mister, o que na realidade é para lamentar, havendo tantas industrias que a poderiam aproveitar.

Para evitar toda a contingencia no serviço de exploração do plano, a companhia dos ascensores está montando uma machina a vapor, de dois cylindros, de alta pressão, sem condensação, destinada a acudir a qualquer interrupção no fornecimento da agua, e a garantir o serviço regular e continuo do mesmo plano.

Esta machina transporta, por intermedio d'uma transmissão, o seu movimento ao tambor sobre o qual passa o cabo de fio de aço, e por simples adherencia effectua o trabalho que se requer.

Eis em resumo as condições technicas d'este curioso plano automator.

A segurança individual do passageiro está plenamente garantida. Além do travão manual que o conductor de cada carro pôde manobrar com intensidade sufficiente para immobilisar o carro na linha, ha mais o grande travão automator que funciona immediatamente logo que se dê a fractura do cabo e que immobilisa immediatamente na linha o respectivo carro abandonado á acção da gravidade.

Na vistoria presidida pelo illustre engenheiro da camara municipal sr. Ressano Garcia, procedeu-se ás mais rigorosas experiencias, praticando os actos mais desfavoraveis que jámais concorreriam na exploração.

O systema comportou-se d'uma maneira esplendida, e as calorosas felicitações dirigidas ao engenheiro Mesnier, brotando espontaneamente dos corações aos labios das pessoas que em numero concurso assistiam ás experiencias, revelavam entre o estrondar d'um fogo de regosijo, que rompera uma nova aurora de melhoramentos materiaes de que tanto carecia Lisboa.

*
* * *

Em presença do resultado obtido, e perante o brilhante acolhimento que esta bella e grandiosa obra tem recebido do publico, sandemos a iniciativa audaz que entusiasticamente rasga novos horizontes ao espirito de progresso.

Sobre o pedestal da rotina levante-se a immaculada bandeira da civilização e do futuro, e agrupem-se em volta d'ella os corajosos soldados que na luta contra o obscurantismo não desertam as suas fileiras. Honra sempre aos que succumbem na iniciativa de qualquer ordem de idéas onde se combata em favor do bom, do bello, do justo e do util; e gloria aos que vencem na sempre titanica campanha contra a indifferença cruel e esmagadora da ignorancia.

Quando na ordem dos empreendimentos difficeis e arriscados, a victoria vem coroar os nobres esforços para a alcançar, quando as previsões da sciencia conseguem realizar-se, escudadas na força do capital intelligente, apodera-se da nossa alma um sentimento de nobre e legitimo orgulho. Exhaustas as forças, chegamos ao termo da nossa obra com a consciencia de termos sido uteis; e se os interesses que colhermos forem mesquinhos, que importa! ouro nenhum do mundo pagaria a enorme satisfação de podermos dizer com lisura á face do mundo:

«Nós-trabalhámos, e o nosso trabalho aproveitou.»

Lembremos, pois, no emprehendimento que tão auspiciosamente acaba de inaugurar-se, os nomes que ao mesmo se vinculam: na parte technica são os illustres engenheiros Nicolas Riggenbach, Raul Mesnier de Ponsard, Keltborn, e Struve, que collaboraram na elaboração scientifica do projecto; na execução da linha e sob a direcção de Raul Mesnier, os 2.^{os} engenheiros José Martins, fallecido no decurso dos trabalhos, e Castro Dorez, seu actual substituto; na bella installação de todo o systema mechanico o habil assentador Henri Meier, verdadeira capacidade mechanic.

E na parte administrativa, Manuel Joaquim Gomes, o arrojado industrial do norte, Antonio Ignacio da Fonseca, vereador da camara municipal, e Antonio Pereira dos Santos Beirão, director da companhia a quem ella deve certamente uma das partes mais importantes da sua vitalidade administrativa.

R. M.

O CENTENARIO

DA

INVENÇÃO DOS AEROSTATOS EM FRANÇA

E O SEU INVENTOR

PADRE BARTHOLOMEU LOURENÇO DE GUSMÃO

(Continuado do n.º 192)

LX

Entre muitas poesias, umas já publicadas por Francisco Freire de Carvalho, outras pelo malogrado Dr. Philippe Simões, e outras ineditas, escolhemos estas para provar o que dizemos.

EN LA MUERTE DEL FREI BARTHOLOMEU LOURENÇO

DIALOGO ENTRE

UN CASTELHANO Y UN PORTUGUEZ

ROMANCE

Murió. — Quien? — el bolador.
Valgame Dios quien dixera
que hombre de tan grandes alas
diese con su cuerpo en tierra.

O PAPÁ GILBERTO

(Continuado do n.º 192)

III

Os filhos

— Menino tire-se d'ahi, não se corte. Que precisava n'essas mãos? Ande, diga o que a mamã devia de fazer agora ao menino? Mau, é muito mau, é mesmo muito mau!

E elle fazia-lhe umas caras feias, arregalando os olhos, e escancarrando a bocca para lhe mostrar a lingua, que estendia desmesuradamente com muita petulancia assim: *am, am, am...*

Isso não se faz, então, accomode-se.

E elle sempre na mesma: *am, am, am...*

— O que te vale é eu estar sentada

Appareceu entretanto a Mauricia azafamada, vermelha, deitando os bofes pela bocca fóra e entrou tambem ao mesmo tempo a Joanna.

A primeira trazia uma cara de Paschoa ao domingo, a segunda uma cara de quem passa a vida a olhar sempre para a chaminé e vinha na ordem como se lhe recommendára, de pá e vassoira em punho.

D. Perpetua falava ás duas ao mesmo tempo.

— Varra isso ahi Joanna... Veja o que o menino fez Mauricia, onde estava mettida?... Se você estivesse ao pé d'elle nada d'isto acontecia... Agora quem hade ouvir o senhor?

Mauricia penalizada, em attitude muito humilde exclamava:

— Valha-me Nossa Senhora.

Os ares estavam turvos, burrascosos!

Joanna varria com maus modos, como quem despacha uma tarefa aborrecida, e antes de retirar-se disse relanceando os olhos para a ama e para a criada:

— Isto só anjos.

Entretanto Mauricia continuava a ouvir D. Perpetua e juntava os destroços do desastre procurando com uma ingenuidade e uma paciencia singulares pôr tudo como d'antes.

Nem que fosse o padre Santo Antonio.

Depois do menino do meio que dava que fazer como se vê a toda a fa-

milia e mais ainda que falar ás visitas, seguia-se o menino do fim: isto é: o menino mais novo, que ainda não havia completado um anno, porque de facto á fecundidade da mulher de Gilberto, não podia applicar-se tal termo: ella regalava como os presentes da Paschoa e do Natal; e ameaçava ser eterna.

Gilberto coma bom calculista que era, poderia em todos os annos contar ao certo com tantos casaes de perus, tantas mantas de toucinho, tantas canastras de presunto, e um filho!

Era o presente da esposa.

Assim ao menos valia a pena casar-se um homem.

De ordinario ao augmento da familia segue-se o augmento da despeza.

Com elle porém succedia o contrario, pois que ao augmento da prole seguia-se-lhe o augmento da receita.

Assim era para elle cada filho uma festa, e cada uma d'essas festas o auspicioso rebusto de uma nova vergontea da imaranhada genealogia dos Gilbertos.

O menino do fim, o ultimo, o do berço, o *nené* era aquelle a quem as senhoras pediam para fazer beicinho, dizendo:

— Benza-o Deus, que belleza de creança!

Tudo em casa andava n'uma poeira por sua causa, mas a Joaquina, a cozinheira, considerava-se a mais queixosa.

Era agora a agua quente para o menino.

E a Joanna lá tinha de dispensar uma fornalha do fogão, de má vontade, sempre resmungando, dizendo coisas.

Logo era o caldo para a ama.

E lá ia mais um pucaro de agua para a penella: sempre atrazos.

Depois um biffe em sangue para o lanche, tambem, para a ama do menino.

Vá lá mais isso!

E o senhor a chegar e as horas de pôr o jantar na meza a aproximarem-se.

— Vá lá o biffe. Que mais teremos?

Em seguida ao biffe era a agua quente para a lavagem dos coeiros, um enorme panelão que occupava quasi duas fornaldas.

Outras vezes deixavam passar as horas do sol e traziam-lhe as fraldas a escorrer para enxugar na chaminé por cima das caçarollas da comida.

Não se aturava isto!

Joanna não podendo conter-se passava a regatear em phrases de soalheiro azedas e picantes, a que a ama correspondia corajosamente sem lhe ficar devendo coisa alguma.

N'isto chegava o senhor, e o arroz por coser, o assado meio crú, e as batatas ainda por desbrugar.

D. Perpetua mandava prevenir a Joanna.

Esplosão certa de cassarolas e panellas, murros sobre a meza, avental

Alas? luego era Mercurio?
Si; — con una diferencia,
que el las tenia en los brazos,
y Mercurio en la cabeza.

De que murió? — Una malina.
Es posible? — Es cosa cierta,
no siendo el primer malino
que de una malina muera.

Donde murió? — En Toledo.
Toledo! eso es en Castilla.
Pues que? no se muere allá
como en la Aldea-gallega?

Y a que iba? — a concertar
de Juanelo algunas ruedas,
que hombre que tanto ha rodado
bien sabe como se rueda.

No es eso; pues a que fue?
A repetir la comedia
Lorenzo me llamo, aunque
en el se mudó en tragedia.

Murió en palacio? — no amigo
que en fisicas palaciegas
solo se muere de un aire
que entra suave por la oreja.

Dixese que del solio
la causa posible fuera,
pues siempre muere de fiebre
el que mucho al sol se acerca.

Hizo testamento? — Si;
dejando por Albaceas
a los de Chypre, y por memoria
que labren carbon de piedra.

Y el Alcoran, y las brujas,
los diablos, las hechizeras,
que se han hecho? — Se quedaron
en almas de regateras.

Y el adivinar? — Embuste;
digan aquesto a las freiras,
porque le rezen, aunque
no estan de requiem eternam.

Luego fue mentira? — Cierto.
Que es que tan sin consciencia
se mente? — Por que ay letrados
y no ay en mentir gabela.

Hazle um epitafio, vaia:
Aqui yaze una novela,
que tuvo por veinte años
para volar las l'encias.

Não prima, como nenhuma das outras, já publicadas, por muito espirituosa, a poesia satyrica, que acabamos de transcrever, mas mostra que o facto soou muito em Portugal.

N'esta poesia parecem as allusões muito directas e muito exactas ao caso que determinou a fugida do padre Bartholomeu Lourenço, e ás circumstancias da sua vida.

A sua alcunha de — *Voador* —, a doença de que morreu — *malina* —, o lugar da sua morte — *Toledo*, que até alguns contemporaneos ignoraram ou confundiram; os seus machinismos, a que se allude nas *rodas*, o favor real, comprehendido nas palavras *sol e solio*; o *carvão* de terra, um dos seus ultimos privilegios; as *bruxas e feitiçoiras*, porque se fizeram os processos que citamos; as *freiras* que promoveram a intriga, nada esqueceu o auctor, e coroa a obra com a epitafio, onde chama comedia ao privilegio para a construcção dos aerostatos.

Nas outras poesias, como já vimos, e em outras ineditas, sempre as allusões a algumas d'estas circumstancias são manifestas.

Agora, que chegamos ao termo da vida do malogrado *Voador*, é que podemos considerar verdadeiramente, pelas circumstancias d'ella, os motivos que impediram, que o invento que primeiro deu nome e fama ao padre Bartholomeu Lourenço, recebesse d'elle toda a perfeição que o tempo e os meios de que dispunha, lhe permitiriam dar.

Como vimos, desde a sua mais tenra mocidade, e ainda no seminario de Belem na Bahia, o joven Bartholomeu Lourenço, começava, por 1704 ou 1705, aos 17 ou 20 annos de idade, as suas primeiras tentativas physicas, fazendo elevar a agua por meio de machinismos, de sua invencão, a 300 metros e mais de altura. Vem para Lisboa pouco depois e matricula-se na Universidade em 1708, mas o espirito emprehendedor, e porventura a distancia que o separa da patria, incitam-no a inventar um engenho de navegar pelo ar; faz a sua experiencia, pede privilegio de invencão, que lhe é concedido em 19 de abril de 1709, e em 8 de agosto faz a sua experiencia solemne. Como se vê do pedido de Bartholomeu Lourenço, o seu projecto não era só *elevar-se no ar*, como setenta e quatro annos mais tarde fizeram os irmãos Montgolfier,

mas sim *elevar-se e dirigir-se a um ponto certo e determinado*.

A experiencia não o deixou completamente seguro do resultado. Interrompera porém o curso da Universidade por esse motivo, e, ou sahio logo em viagem fóra do reino, ou o que é mais provavel de 1712 a 1716, porque d'este anno em diante até 16 de junho de 1720, data do seu doutoramento, frequenta a Universidade de Coimbra, apenas com uma pequena interrupção n'esse ultimo anno, por ter tratado da importante causa da casa de Aveiro, e em 1710 e 1712 havia publicado um sermão e uma obra de sciencia.

Que estudos faria n'essa viagem que os seus biographos dizem ter sido dirigida á Hollanda, e que as poesias satyricas deixam em duvida se foi á Hollanda, se foi á Inglaterra, sendo mais natural que d'esta passasse áquella, é o que não podemos dizer, nem provavelmente se saberá nunca, a menos que algum dia se não descubra qualquer carta que possa derramar alguma luz n'esta escuridão. E a propria viagem seria duvidosa, se não houvesse tantas allusões a ella. Apenas sahido da Universidade e chegado á corte é empregado pelo soberano em assumptos da mais alta ponderação.

A pericia que mostrara na questão da casa de Aveiro, fez com que se lhe incumbam negocios em que é preciso haver largos conhecimentos dos direitos civil e canonico.

O seu talento maleavel, e como que universal, faz com que o soberano incumbindo-lhe a decifração das cifras das potencias estrangeiras, e talvez dos particulares, o admitta assim á mais delicada e ingloria das suas occupações, mas ao mesmo tempo ao mais alto valimento, pela confidencia dos mais graves negocios da politica interna e externa.

(Continúa)

Brito Rebello.

Dr. Duarte Gustavo Nogueira Soares

No numero antecedente, disse-se por equivoco que este illustre funcionario se tinha aposentado o que não é exacto. Sua ex.^a continúa occupando o lugar de secretario geral do ministerio dos estrangeiros, no qual folgamos que se conserve muito tempo para proveito da nação.

posto de parte, o gato saltando espavorido da fornalha, e na capoeira o gallo imponente cacarejando de espanto.

Na cosinha ninguem parava.

Joanna declarava-se em dictadura.

De abano em punho, guedelhas emaranhadas, olhar chammejante, faces afogueadas mas seccas e asperas, ella tinha o quer que era que fazia lembrar uma d'essas criações phantasticas e terriveis da velha mythologia pagã.

Dir-se-ia ao vel-a em frente do seu fogão, cujas fornaldas vomitavam golphadas de labaredas, ser o proprio Vulcano que nas suas forjas incommensuraveis estava forjando aqueles raios fulminantes da colera de Jupiter.

Mas pobre Joanna, boa mulher de lei, que demais apenas possuia uma pontinha de lingua e era de resto pau para toda a obra: o que ella forjava não eram raios, eram croquettes e empadas, os petisquinhos do patrão, cujo paladar prescutava invocando com verdadeiro amor de artista, todos os segredos da colinaría, todos os recursos do seu engenho!

Quem ella servia não era Jupiter nem por lá passava, era simplesmente Gilberto, Gilberto que lhe dava dois quartinhos por mez além da roupa lavada e do bocado do comer, bocado a que ella nunca tomava o gosto e que engulia as mais das vezes de pé, sempre n'uma inquietação de obrigações que não tinham fim, de cuidados que não a largavam nunca!

Joanna em occasiões taes tentava o impossivel e conseguia-o.

O jantar era posto a horas proprias, Gilberto vinha para a meza, e ella entre portas enchugando as mãos ao avental vinha mostrar-se-lhe com orgulho, com vaidade.

A sopa estava divina, a familia comia toda em silencio, apenas quebrado pelo bater das colheres sobre os pratos, e Joanna de braços crusados aguardava uma phrase de louvor, um applauso, ao menos um olhar benevolo de Gilberto.

Mas absolutamente nada!

A familia tratava só de comer, de satisfazer o seu appetite guloso e voraz, e Gilberto tratava só da ama.

Eram para ella todas as suas fallas, todos os seus cuidados e o que mais a ralava, o melhor bocado que vinha á meza.

Cuidar ella que muitas vezes o senhor se privava de um prato do seu gosto para dar tudo áquella delambida, eram facadas que lhe davam.

Todos os mimos se inventavam por seu respeito sem que ella atinasse porque carga de agua, uma mandriona que não fazia nada, que só servia para dar sentenças, que não era mais do que uma posta de carne com dois olhos.

Até perdia o gosto de fazer as coisas!

Porque havia de ser a ama a primeira em casa tendo assento á meza dos senhores e ella a ultima sendo a que os regalava com os bons petiscos e contribuia para que elles criassem aquellas boas carnes na mesma propor-

ção em que ella ia definhando e emagrecendo e arruinando a saude ao calor do maldito fogão?

Andava constipada sempre, com uma tosse já chronica, com uma catharreira que já não a largava, e Gilberto nem sequer lhe trouxera nunca uns rebuçados do dr. Centazzi.

Pois com a ama nem só rebuçados, como xaropes, borragens, e medico por qualquer coisa.

Estava sempre com o doutor ás voltas, a niquenta, tudo manha, tudo léria, para estar de perninha na cama até ao meio dia.

Até parecia feio.

Qualquer espirro da lesma, e lá ia logo o senhor de barrete e chinellos, calafetar as portas e as janellas, os postigos e as frestas, encarrapitado em riscos de cair e munido de estopa e do canivete de aparar os callos.

Era um riso!

D'ahi o seu despeito e o rancor profundo que votava á ama, que em casa de Gilberto valia bem por todas as sete pragas do Egypto.

Quando se lembrava de que seria um ceu aberto a casa do seu amo se não fossem os filhos, sentia-se disposta a dar razão ao proprio Herodes.

Ah! então esse ceu resplandeceria ella empyrica e absolutamente com o seu arroz doce e as suas empadinhas de camarão.

Gilberto não tendo filhos, não teria amas, não tendo amas não teria cuidados que o distrahissem dos mais legitimos prazeres da vida, a boa meza, e necessariamente elle, depois do estomago bem cheio, havia de guardar uma boa parte das graças que dava a Deus, ao levantar da meza, para repartir com quem lh'a punha com tanto esmero, Gilberto devir de ser um homem para comprehender que depois do Creador, não lhe estava mal adorar o cosinheiro.

Houve já na historia quem de mais alto descesse a adorar coisa mais baixa do que o bicho da sua cosinha, isto é, o bicho da sua cavallariça.

Foi Caligula que adorou o seu cavallo. Não era muito, portanto, que Gilberto adorasse a sua Joanna, no bom sentido, já se vê, dos seus meritos culinarios, que tambem não era mulher para mais.

Do canto da sua chaminé, lá no intimo d'aquella alma, agitava-se um mundo de despeitos e de rancores inexplicaveis, que no fim de contas dariam um grande thema ao philosopho e ao pensador, thema a que poderia chamar-se: da influencia dos filhos nos destinos da culinaria.

Final cada qual para o que nasce, por isso Joanna amava com tal egoismo as suas caçarolas, e Gilberto amava acima de tudo os seus filhos.

Tanto um como o outro não tinham vindo cá ao mundo para outra coisa!

(Continúa)

Leite Bastos.

RESENHA NOTICIOSA

KERMESSE NA TAPADA DA AJUDA. Esta magnifica festa de caridade, promovida sob os auspícios, inspiração e iniciativa de S. M. a Rainha a sr.^a D. Maria Pia, ainda se não pôde realizar em consequencia do mau tempo. Não estão ainda fixados os dias da abertura, mas se o publico vê o adiamento de domingo para domingo, tambem terá o prazer de ver os melhoramentos e novas invenções que elle lhe tem trazido. Além de muitas offeras valiosas, de que as folhas diarias dão conta, ha um *chalet*, ou como lhe queiram chamar, *barraca da Associação das Creches*, que vae ser o maior atractivo da festa. É construida em guisa de castello da Edade-Media, tendo uma torre á altura de dezeseite metros, e o *donjon* a torre da *menagem*, como diziam os nossos. Se de muitos pontos da Tapada se goza uma vista encantadora, imagine-se a que se não desfructará de um edificio que se eleva dezeseite metros sobre aquelle solo. E depois o seu custo será quasi uma insignificancia. O projecto é dos srs. Manini e Leandro de Souza Braga, que, além d'isso, se offerecem, o primeiro a pintar todos os pannos que hão de guarnecer a construcção e o segundo a dirigil-a, tudo gratuitamente, sendo esses pannos tambem offercidos pelo sr. Flamiano Anjos, e a madeira pelo sr. Lino. O sr. Thiago Antonio da Silva fornece toda a ferragem e o sr. Antonio Marques da Silva e o seu pessoal offercem-se para todo o trabalho de decoracção interna. A Associação terá pois apenas a fazer a despeza da mão d'obra. Todos tem concorrido para secundarem a sympathica soberana na sua caridosa iniciativa.

CONFERENCIAS ACADEMICAS. Tem sido um facto altamente notavel e que ha muitos annos se não repetia, uma conferencia publica na nossa *Academia Real das Sciencias*. Coube a honra da inauguração d'estes certamens scientificos ao sr. José Horta, lente de mathematica na Escola polytechnica de Lisboa, tratando na sua conferencia dos *Infinitamente pequenos*, thema que o conferente desenvolveu com certa largueza, embora algumas vezes pareça encontrar-se alguma contradicção entre a linguagem e a idéa, ou entre algumas permissas e as suas deducções. O sr. José Horta leu a sua conferencia, o que lhe fez perder um pouco do effeito que poderia produzir sobre o auditorio, aliás numeroso. Sexta feira, 25, do mez passado, coube a vez ao sr. dr. José Julio Rodrigues, que tratou dos *Horizontes scientificos*. O assumpto, como do simples enunciado se collige, é de larga vastidão, e por isso e pelo incitamento da primeira, a concorrência a esta conferencia foi de tal maneira numerosa, que o publico não coube na grande sala da Academia, e muita gente retirou sem poder ouvir o illustrado professor. O assumpto foi tratado com brilhantismo, a palavra fluente do intelligente professor foi escutada com agrado, mas aquelles que não tiveram essa dita aguardam a publicação da sua conferencia para avaliarem devidamente a sua exposição. Notou-se a falta de um tachigrapho, isso facilitaria muito a publicação. Esperamos a continuacção d'estes certamens, cuja importancia ninguem desconhece.

ESTATUA DE GAMBETTA. Foi inaugurada em Cahors, sua patria, uma estatua ao celebre tribuno Leão Gambetta, assistindo alguns ministros da republica franceza, municipalidades, auctoridades, varias deputações e o clero da diocese, que provou não ser a liberdade, nem qualquer forma de governo com elle. A solemnidade foi imponente, mas simples.

TAGLIONI. Morreu esta celebre dançarina, que passa por ser a mais perfeita incarnação da arte choreographica, e que fez as delicias dos nossos paes e avós durante cerca de trinta annos. Desde 1827 a 1847 fez sempre parte da companhia da Opera de Paris. Era de uma familia distincta da Suecia e casára em 1832 com o conde Gilberto de Voisine, de quem teve dois filhos, o conde Gilberto e a princeza Maria Troubtzekoy. A famosa dançarina falleceu na Italia, tendo vivido oitenta annos.

EXPOSIÇÃO DE TURIM. Realisou-se no dia 26 de abril ultimo a abertura d'esta exposição, assistindo a essa solemnidade a familia real, a corte, o corpo diplomatico, municipalidade, etc. Os reis e a familia real foram estrondosa e entusiasticamente aclamados e saudados pela multidão, que se agglomerou em todos os pontos da sua passagem, e no recinto da exposição. Este entusiasmo é tanto mais justo, quanto foi de Turim que partiu o impulso para a unificação da Italia, mas a casa real de Italia é de Saboya, e o seu rei nascido em Turim, como a nossa rainha, a sr.^a D. Ma-



MOEDAS DE COBRE DO REINADO DE D. JOSÉ I

ria Pia, sua irmã. O principe Amadeu, presidente da commissão, proferiu um notavel discurso, no qual fez sentir que o paiz, tendo-se lançado, com ardor, na luta para a reconstitução da nacionalidade italiana, terminada esta lançou-se com o mesmo calor na luta economica. Os progressos que tem realisado n'esta, provam-no as diversas exposições, mas principalmente a de Milão de 1881, e agora esta de Turim.

EXPOSIÇÃO AGRICOLA. Deve finalmente abrir no dia 4 do corrente a exposição agricola de Lisboa, organisa da Tapada da Ajuda, para o que se tem trabalhado assiduamente, de modo que este certamen será um grande elemento para o estudo das nossas forças economicas. Esperamos este dia, para depois fazermos a descripção d'este grande concurso nacional, que julgamos de antemão ser muito honroso para o paiz.

UM PRELADO EXCEPCIONAL. Monsenhor Roess, bispo de Strasburgo celebrou no principio d'este mez o seu nonagessimo anniversario. Entrou pois nos noventa e um annos da sua idade. Nasceu portanto em 1794, e ha quarenta e dois annos que é bispo da diocese de Strasburgo, a qual tem dirigido com illustração e muito decoro. Apenas ha tres annos lhe foi dado um coadjutor para o auxiliar no exercicio das suas funcções, e foi só ha um anno que o illustre prelado foi dispensado das funcções de administrador da diocese. Comtudo, segundo se affirma, o veneravel ancião, parece ainda verde e não sentir o peso dos annos. Deus lhe conceda ainda muitos para honra do episcopado, e satisfacção dos seus diocesanos.

MARROCOS. Os nossos leitores sabem o interesse e as vistas com que temos tratado do que se refere a este imperio mussulmano, no qual tivemos largas colonias, desde o principio do seculo xv, e onde tivemos longa influencia e posse até ao segundo quartel do seculo passado, quando, pelo erro politico mais grave do Marquez do Pomal, abandonámos a ultima praça que alli possuíamos. Sabe que dissemos devermos ser nós os primeiros interessados em estender a nossa influencia em Marrócos e marchar n'essa via adeante e ao lado da Hespanha; comtudo os nossos governos não dão importancia a certos pontos, para nós os mais rudimentares e vitais da politica portugueza, esquecendo-se sempre d'aquella celebre sentença do velho de Camões:

Deixas criar ás portas o inimigo
Por ires buscar outro de tão longe

pois o inimigo vae-se creando, e já se não occultam muito as suas tentativas. Eis o que lemos em um periodico francez:

«A questão marroquina interessa muito a Hespanha, que fez comprar 20:000 hectares de terreno e dois portos ao spherie. Todos os amigos do rei Affonso veriam com prazer a sua coroa consoli-

dar-se por uma expedição a Marrocos, onde, apesar do que se diga, ha logar para a França e para a Hespanha. Estas duas potencias só podem obrar na questão marroquina de commum accordo, e o boato, espalhado pelo «Secolo» de Milão, de uma acção separada é inexacto. Isto é muito positivo; não ha meias palavras. O periodico francez denuncia de um modo indirecto o accordo da França e Hespanha e trata de inexacto o que se diga em contrario. E nós? Dormimos, ou deixamos para amanhã.

Amanhá, sarto amanha de Portugal, dizia Garrett.

ESTATUA DE BISMARCK. O notavel estadista prussiano completou os seus setenta annos, e no dia d'esse anniversario, o que não tem succedido a muitos mortaes, foi-lhe inaugurada uma estatua em Magdeburgo, sua patria.

BANCO NACIONAL DE FRANÇA. Segundo lemos em um periodico virou-se de pernas para o ar este estabelecimento de credito. O periodico accrescenta:

«Devemos vêr n'esta catastrophe a vingança de um ministro poderoso contra o director de um grande jornal republicano, inimigo do ministro, e muito interessado, segundo se diz, no assumpto?» Como se vê, apesar das virtudes republicanas, os republicanos francezes não se poupam uns aos outros.

MINISTERIO CONDEMNADO. O ministerio da Noruega havia sido accusado por varias faltas politicas e outras, entre ellas a de haver aconselhado ao rei de pôr o seu veto á decisão das camaras, relativa á presença dos ministros nas sessões do parlamento. O ultimo d'elles, o sr. Schweignard, foi condemnado em uma multa de 800 coroas, e nas custas do processo, 200 coroas. Este ministro porém, não foi destituido, porque não foi accusado por aquella ultima falta.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

TROMBAS E CYCLONES, por Zurcher e Margollé, versão de Antonio Arroyo, obra illustrada de 42 gravuras — Porto, Magalhães & Moniz, editores. 12, Largo dos Loyos. Um tomo de 336 paginas. Pertence este volume á *Bibliotheca das maravilhas*, serie de livros de vulgarisação scientifica publicado em França e que os benemeritos editores tem feito traduzir, para beneficio e instrucção do publico. A traducção podia ser um pouco mais correcta. Tambem notámos que todas as vezes que a palavra *meteorologia* devia aparecer no livro, vem sempre escripta assim: *metereologia*, o que induz o leitor pouco instruido em erro de pronuncia e orthographia, de uma palavra com que se designa um ramo de conhecimentos tão importante.

A SAÚDE PUBLICA, hebdomadario de hygiene, collaborado por muitos professores da Escola medico-cirurgica do Porto, e por outros facultativos d'aquella cidade, e redigido pelo sr. A. Maia Mendes. N.º 14 e 15, compreendendo: *O Sahara, o que é; o que foi; o que será*, conferencia pelo sr. Agostinho de Souza; *Falsificação de generos alimenticios, analyse de oleos*, pelos srs. Souto e Azevedo; *A hydrophobia*, pelo sr. Tito Fontes; *Origens da hygiene*, pelo sr. Maia Mendes; *Alimentação do homem: O jantar*, pelo sr. Souza Oliveira; *Pedras salgadas (aguas mineraes das)*, pelo sr. A. Teixeira de Sousa; *Chronica e Sociedade de União Medica*.

A MULHER, revista illustrada das familias. 2.º anno, 10 de abril de 1884, n.º 53.

LA CORRESPONDANCE MERLEY, n.º 14 e 15, relativos a 8 e 11 de abril ultimo.

FERNÃO DE MAGALHÃES, obra illustrada com 5 gravuras, é o n.º 5 das *Biographias de homens celebres dos tempos antigos e modernos*, publicada pelo editor sr. David Corazzi. É uma das vidas mais agitadas, interessantes e commovedoras, a do celebre portuguez que primeiro ousou circumnavegar o globo terrestre, e que tendo vencido a principal parte do seu intento, atravez de mil perigos e contrariedades dos homens e dos elementos, morreu ás mãos dos selvagens para ainda proteger os seus. Ainda que muito resumida, esta biographiasinha deixa conhecer as principaes peripecias da vida do grande viajante.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.